

LUIZ SCHWARCZ

# Linguagem de sinais

*Contos*



Copyright © 2010 by Luiz Schwarcz

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*  
warrakloureiro

*Imagen de capa*  
Erich Lessing/ Album Art/ LatinStock

*Preparação*  
Márcia Copola

*Revisão*  
Angela das Neves  
Marina Nogueira

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Schwarcz, Luiz  
Linguagem de sinais : contos / Luiz Schwarcz. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1732-1

1. Contos brasileiros I. Título.

---

10-08175

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

*Para Lili*

*Não direi nada além do que já não disse.*

Rafael Alberti

# Sumário

- Antônia, 13
  - O síndico, 35
  - A voz, 41
  - Quem é?, 47
  - Kadish, 51
  - Lições de anatomia, 57
  - O cobertor xadrez, 63
  - Pai, 67
  - Volta ao lar, 79
  - Murano, 85
  - Faro, 93
- Agradecimentos, 99

O autor sugere a leitura sequencial dos contos.

# Antônia

No táxi a caminho do aeroporto, o motorista falava sem parar. Não resisti e cochilei. Minha cabeça tombava. Eu a erguia quase sem conseguir abrir os olhos. O sujeito via nisso um sinal de aprovação e falava mais alto e rápido. Nem me recordo bem do assunto, conversa de taxista, os erros do atual prefeito, as falcatrucas dos anteriores, trânsito, crimes, futebol. De repente começou a falar da mulher, reclamou que não a entendia, não entendia as mulheres em geral. O que elas querem, dinheiro e carinho, tudo ao mesmo tempo, mas eu não sou dois, sou um só. Repetiu essa frase várias vezes. Eu tentava acordar, ouvia o motorista dizendo, eu sou um só, e minha cabeça tombava.

Na fila do embarque revi a expressão agradecida do taxista quando lhe disse que ficasse com o troco. Quase

falei, recomendações a sua senhora, mas lembrei que a conversa não tinha sido muito favorável às mulheres, carinho e dinheiro ao mesmo tempo mas eu sou um só.

Esperando o check-in, pensei que não sabia muito bem por que decidira viajar para Portugal. Não sabia ainda o que faria da vida, se procuraria uma nova ocupação, quanto tempo ficaria na casa dos meus pais. Mas logo deixei o assunto em paz e me fixei na frase, carinho e dinheiro...

Só quando, já no avião, a aeromoça perguntou, suco de laranja ou água?, esqueci as queixas do motorista e percebi que ia mesmo viajar; respondi, suco, por favor.

A aeromoça, muito simpática, me ofereceu o copo, mais os fones de ouvido e o estojo com escova e pasta de dentes, e eu me imaginei nos ares, a viagem vencida, chegando ao aeroporto da Portela, ou no quarto do hotel na Lapa.

O embarque foi absolutamente normal. No horário, sem aglomerações. Havia poucos passageiros no voo. Até os mais afoitos, que se preocupam com tudo, se de fato terão o assento que lhes foi destinado, se haverá espaço para a bagagem de mão, melhor chegar antes que os vizinhos, seguro morreu de velho; mesmo os da classe executiva, que fazem questão de embarcar primeiro e se aticam quando as famílias com crianças e os idosos são chamados para se dirigir à porta — todos pareciam mais calmos naquela noite. Na entrada do avião, a tripulação

sorria como de costume — um embarque tranquilo torna o riso da aeromoça menos forçado, as boas-vindas do comissário mais sinceras. Alguns passageiros carregavam muitos volumes, presentes para os familiares, malas que dificilmente caberiam no compartimento superior e que fariam da viagem um suplício para as pernas, inibiriam os vizinhos de ir ao toalete, pobres coitados, passariam o voo com os olhos grudados nos pacotes espalhados no chão a seu lado, a expressão de raiva contida, as pernas apertadas umas nas outras.

Gravei o sorriso do comissário quando ele perguntou o número do meu assento, 27A, bem-vindo a bordo, tenha um bom voo.

Bem-vindo, bem-vindo, essa palavra eu ouvi tantas vezes, li com tanto constrangimento em faixas coladas na porta de casa — se pudesse, dispensava para o resto da vida os bons votos.

A cada volta de viagem — desde a primeira à colônia de férias em Campos do Jordão, aos cinco anos — meus pais me recebiam com essas faixas, bem-vindo nosso querido filho, ou ainda mais específicas, bem-vindo da colônia de férias nosso querido filho, bem-vindo do Guarujá, e meu nome no diminutivo, ou bem-vindo sentimos muito sua falta, quando fui a outra colônia de férias, uma viagem mais longa, já um pouco mais velho.

Eu passava rápido pela varanda, abria a porta e retirava a faixa, sorrindo para meus pais; eles pensavam que eu queria logo pregá-la no quarto, mas na verdade eu tinha vergonha dos vizinhos, antecipava a gozação

no dia seguinte, bem-vindo, os meninos gritariam, rindo. É claro que Bem-Vindo acabou virando meu apelido na rua, a palavra que enrubesceia minhas bochechas, levava-me a abaixar a cabeça e a apressar o passo na vizinhança. Esse jeito de andar, olhando para o chão, não me abandonou. Reconheço os lugares mais pelo pavimento que pela paisagem e nunca pensei em aprender a dirigir. Cabisbaixo foi outro dos meus apelidos. Na faculdade de direito, depois de alguns meses ninguém me chamava mais pelo nome.

Não me consolou o fato de o comissário desejar a mesma coisa a todos os demais passageiros. O estrago estava feito, as lembranças desencadeadas por aquela pequena formalidade. A memória não pede licença, não é treinada, não usa uniforme, nem oferece água ou suco, e principalmente não vai embora ao perceber que está estorvando.

Acomodado em meu assento do avião, lembrei-me da volta das viagens a Campos, quando meu espírito se preparava para as faixas que me esperavam na porta de casa. Eu sempre enjoava no ônibus e acabava vomitando pela janela, depois ficava torcendo para que o vento levasse logo o gosto ruim, a dor de cabeça e a vergonha do azedume que guardava no estômago. Ao descer, engolia em seco com medo de que meus pais sentissem o cheiro na minha garganta. Beijava-os rapidamente e com os lábios bem cerrados, mas eles não percebiam nada,

provavelmente atribuíam minha pressa à timidez. Minha mãe tentava levantar meu queixo com a mão e me olhar firme nos olhos. No carro eu evitava falar, para que o ar não se impregnasse das lembranças da estrada. Via as frases estendidas na fachada, esboçava meu sorriso amarelado e ia correndo escovar os dentes.

As faixas me acompanharam por muito tempo. Quando entrei na faculdade, meus pais estenderam uma cumprimentando-me pelo terceiro lugar no vestibular. Ao me formar, penduraram outra, salve o mais novo advogado do Brasil. Quando abandonei a carreira de juiz, eles silenciaram, mas no dia do meu casamento escreveram, felicidades, filho, o quarto permanece seu — não gostavam de minha mulher — e na volta da lua de mel, com nosso apartamento ainda em reforma, a frase dirigida apenas a mim se repetiu. Era a de sempre, bem curta e no singular.

Nunca consegui olhar direito para as faixas de rua, mesmo as mais corriqueiras, família vende tudo, as que oferecem recompensa a quem encontrar um cachorro que fugiu, procura-se poodle branco perdido, atende pelo nome de Milu, criança doente, paga-se bem. Quando acompanhava minha mulher aos congressos para os quais ela sempre era convidada, eu evitava os jantares de confraternização, os coquetéis, ficava no hotel enquanto Antônia se divertia entre drinques e canapés. Chamava o *room service* e pedia um *club sandwich* ou uma omelete, qualquer prato que não traria surpresas, o garçom não me desejaria boas-vindas, no máximo diria,

bom apetite, e esperaria pela gorjeta, com o corpo levemente curvado e as mãos educadamente aguardando, contidas.

Apenas numa ocasião tive coragem de pedir a meus pais que não pusessem faixa alguma na frente de casa. Depois de sete anos meu casamento acabou. Apesar da cerimônia na igreja, nunca compartilhei realmente a vida com minha mulher. Sempre a ouvia, mas conversávamos pouco. De início, na hora do jantar; depois nem isso. Nas nossas viagens eu carregava as malas, fazia o check-in e o check-out, e o resto do tempo ficava perambulando pelo hotel. Na cama, já no começo não houve entendimento, mas naquela época isso era atribuído ao fato de ainda não nos conhecermos muito bem. Com o tempo a inibição só cresceu, e o sexo era mais sinônimo de constrangimento do que de prazer.

Conhecemo-nos numa manhã de domingo, no Teatro Municipal, durante um concerto da orquestra da cidade. Estávamos sentados lado a lado. Antônia me pareceu bonita desde o primeiro momento, embora eu tenha olhado pouco para ela durante o espetáculo. No final, ela tomou a iniciativa. Perguntou-me se costumava frequentar o teatro aos domingos ou se estava lá por causa da sinfonia daquela manhã. Eu disse que ia ao Municipal independentemente do que fossem tocar, que gostava de tudo, do centro da cidade vazio, dos fraques desalinhados, daquela orquestra pobre, dos concertos a preços populares, do público fiel. Eu não, ela disse, só venho quando tocam Beethoven, você sabia que, quan-

do ele compôs esta obra, já apresentava sintomas fortes de surdez? Não falamos mais, ela desceu as escadas sem esperar resposta.

E assim foi também durante o casamento. Antônia perguntava mas não se preocupava com o que eu respondia. Nossas conversas se resumiam a longas explanações sobre o trabalho dela com os surdos ou a tese de mestrado na qual pretendia comparar a música com a linguagem de sinais. Mesmo nas brigas, eu apenas ouvia: ela inventava o motivo, desenvolvia o argumento, imaginava a réplica, e seguia assim, como numa sonata de Beethoven, primeiro a fuga depois os contrapontos em progressão geométrica. Nossas discussões eram na verdade monólogos dissonantes de Antônia, e só terminavam quando eu tapava os ouvidos e ela ia para o quarto gritando, surdo nesta casa basta um, referindo-se ao compositor alemão, é claro.

No dia em que falei que voltaria a morar com meus pais, ela balançou a cabeça, pôs para tocar a sétima sinfonia de Beethoven, a mesma que ouvimos naquele domingo no Municipal, e me ajudou a arrumar a mala. Liguei para meu pai, dei a notícia, disse que ficaria com eles até achar um apartamento e pedi, não pendurem faixa na porta desta vez, por favor.

Nesse momento, quando o avião se dirigia à pista de decolagem, minha rememoração foi interrompida pela voz do comandante que, quase engolindo as palavras,